

Alberto da Costa e Silva

. *Um Rio chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África*  
Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2003

. *Francisco Félix de Sousa, Mercador de Escravos*  
Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2004

. *Das mãos do Oleiro Aproximações*  
Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005

José Capela

Três publicações de um autor para quem a missão da diplomacia se traveste claramente em via privilegiada para o conhecimento da História. E por quem, cumulativamente, a Diplomacia nos é convincentemente apresentada como sujeito, ela própria, da História. A marca indelével disso mesmo vai ressaltando, agora e logo, dos escritos dispersos em periódicos desde 1961 e reunidos nos dois primeiros volumes mencionados. Beneficiando da aparência da crônica descomprometida, moldada embora em magnífica prosa onde o colorido não consegue ofuscar o aticismo, a informação e a interpretação históricas são nos sugestivamente debitadas. O conjunto de textos relativos às relações entre o Brasil e a África Negra constituem uma análise fina às relações estabelecidas, nomeadamente às que se processaram pela via diplomática. Para além dos tratados, das missões, do oficial e do oficioso. Também o cultural em todas as suas formas e desvios e o comercial. Do comércio, em primeiro lugar o de escravos. Relevando o enriquecimento humano e civilizacional sem esquecer a motivação substantiva dos proveitos materiais que eram a razão última de tais movimentações humanas. Desde logo uma perspectiva segundo a qual e como havia quem pensasse no Senado brasileiro quando se discutia a abolição: «A África civilizava a América». Como a Conferência de Bruxelas que calçou as esporas do anti-escravismo ao mesmo tempo que programava a ocupação colonial de África. A chamada de atenção para a circunstância de entre as razões que possibilitaram aos europeus a conquista de África se contar não menos que a qualidade do armamento a cola-

boração dos próprios africanos. Agora e logo a observação percutente, também síntese: «Com ou sem remorsos, a escravidão foi o processo mais importante da nossa história» e «até hoje não se estudaram, de uma perspectiva basicamente africana os quilombos». Isto mesmo referido ao Brasil. Que diríamos nós relativamente a Portugal, Angola e Moçambique?

As invocações de Gilberto Freire transformam-se no seu resgate inteligente: Em *Casa Grande & senzala* «Gilberto Freire declarava em voz alta que o Brasil não era uma nação branca que tinha negros. O negro estava em todos nós e sem o negro não teria havido nem havia o Brasil». Também *Aventura e Rotina* em cujas páginas perpassa o Portugal e Colónias do Estado Novo. E cuja ausência de crítica é explicada com a boa educação de Gilberto Freire «incapaz de ofender ou magoar o hospedeiro». Seria. Em 1968, de passagem no Recife, ouvi-o, na fundação Joaquim Nabuco, apostrofar de forma quase soez, em conferência pública, o então universalmente conhecido e venerado bispo Dom Hélder Câmara. Mas é através da visão espectral de Gilberto Freire que o autor nos serve a construção do Brasil a partir de uma simbiose com raízes simultaneamente em Portugal e na África. O Portugal e a África a partir dos quais o autor visiona essa construção, são um Portugal e uma África dispensados da tacanhez física e mental metropolitana. Brasileiro, liberto das peias do reinol paroquial, o observador percutente abarca a grandeza do espaço e nela a plethora cultural dos povos. Vistos de fora e de tão longe Gilberto Freire e (pela via deste) Costa e Silva são porventura quem melhor captou e quem melhor sintetizou o *ethos* colonial moçambicano (nele incluída como sua expressão a Ilha dos Amores).

Se Gilberto Freire é elevado ao pedestal que, porventura, de direito é o seu, por sua vez Costa e Silva, ao fazê-lo da maneira que o faz, revela uma perspicácia e um conhecimento apurado das realidades históricas e sociológicas do universo que abarca as áreas geográficas actualmente designadas lusófonas.

Sendo, por um lado, Gilberto Freire abundantemente invocado ao longo destas páginas ao mesmo tempo que em Portugal se procura libertar o inventor do «lusotropicalismo» do anátema sobre ele outrora cominado, por outro lado surgem os nomes daqueles que estão agora a ser designados no Brasil como «clássicos» da sua história económica,

a saber: Caio Prado Junior, Celso Furtado, Josué de Castro. Recurso a favor da decifração dos caminhos percorridos pela história do Brasil, deparamo-nos com autores que, nomeadamente no caso de Celso Furtado, debitaram à acção política uma marca intelectual assinalável com repercussão universal.

Biografia que foi aspiração de escrita do autor desde a adolescência, a paixão pela história e pela aventura transpira das páginas dedicadas ao mercador de escravos, Francisco Félix de Souza. Mais uma vez, não desdenhando botar mão da conjectura, o autor nos seduz com uma narrativa em que a história se transforma em aventura e em que somos cinematograficamente absorvidos. Dom (no final da vida) Francisco Félix de Souza, porventura prototipo de negreiro, oriundo de Salvador e instalado em reino africano, exportador de escravizados. A pletora das interrogações excede o das respostas conclusivas, estas, mesmo assim, bastantes para o conhecimento do personagem, da sua acção e do meio em que actuou. A actividade dominante é o tráfico de escravos. Tudo gira à sua volta. Pela via desse trato aquela África chegava à Europa e às Américas e o mundo de então chegava àquela África. Não são os hiatos na documentação que impedem o autor de nos debitar, como é seu timbre, toda a informação disponível sobre o titular da biografia, desde a morfologia física até ao carácter e comportamentos profissionais e sociais, conjecturando situações, sugerindo hipóteses, advogando respostas perfunctórias que sejam. Esta não é uma historiografia quântica ilustrada com números e gráficos. É uma narrativa problemática e problematizante que nos elucida sobremaneira tanto quando afirma como quando supõe. E elucida sobre a actividade comercial da captura, armazenamento e exportação como quanto ao ambiente físico, cultural e político em que a mesma se desenvolvia.

Não será um tratado para figurar nas notas de pé de página das teses académicas mas é certamente e simultaneamente uma obra assinalável na elucidação do *background* material e cultural de uma actividade pilar do mundo moderno de que hoje desfrutamos.